

Guilherme Radi Dias¹

Investigações artísticas de si em uma poética da solidão

Artistic investigations of itself in a
poetic of the solitude

Investigations artistiques du soi
dans une poétique de la solitude

Resumo

Este texto apresenta os pontos centrais do desenvolvimento dos trabalhos da série que compõe o projeto artístico "Re[Di]ssonâncias". Ao discorrer sobre esta proposta, apresentamos as visões acerca da solidão registradas por alguns expoentes da filosofia e da literatura, que estão relacionadas com o escopo da produção artística em questão. Explorando as possibilidades de expressão das vivências mais subjetivas, abordamos a relação da prática artística com o anseio em externar os aspectos primordiais pertinentes ao papel da solidão na existência e os paradoxos que ela encerra.

Palavras-chave: Solidão. Subjetividade. Criação artística. Poética visual.

Abstract

Visual essay that uses iconic elements of a flight routine taking the portrait as a category-image. This text presents the central points of the development of the Works of the series which compose the artistical project "Re[Di]ssonances". By expatiate on this proposition, we present the visions on solitude registered by some exponents of philosophy and literature, which are related to the scope of the artistic production in question. By exploring the possibilities of expression of the most subjective livingness, we discuss the relation of the artistic practice with the desire on express the primordial aspects pertinent to the role of solitude in existence and the paradoxes which it contains.

Key-words: Solitude. Subjectivity. Artistic creation. Visual poethic.

Résumé

Ce texte présente les points centraux du le développement des travaux de la série que compose le projet artistique "Re[Di]ssonances". Au parler sur cette proposition, nous présentons les aperçus concernant la solitude enregistrées par certains représentants de la philosophie et de la littérature, que sont rapportées avec l'objet de la production artistique en question. En recherchant les possibilités de la expression de les expériences plus subjectives, nous abordons le rapport de la pratique artistique avec le besoin en exprimer les aspects primordiaux pertinents au rôle de la solitude dans l'existence et les paradoxes qu'elle contient.

Mots-clés: Solitude. Subjectivité. Creation artistique. Poétique visuel.

¹ Mestre em Filosofia (UEM). Arquiteto e Urbanista e Licenciado em Artes Visuais (UEM). Atua como arte-educador e artista visual em Maringá-PR, dedicando-se à pesquisa poética nas artes visuais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9346051361592767> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6081-8718> E-mail: gui_radi@hotmail.com

A solidão de que sempre precisei
é ao mesmo tempo inteiramente insuportável.
Clarice Lispector, O tempo.

O ensaio visual de que trata este relato artístico apresenta trabalhos de uma série ainda em curso, que conta com desenhos os quais compõem o projeto artístico individual nominado "Re[Di]ssonâncias". Esta proposta se desenvolveu a partir de algumas produções de 2015 que se valeram da linguagem do desenho, buscando dar contornos inteligíveis às ambivalências da solidão.

Nesse contexto, os trabalhos procuram exprimir os sentimentos e experiências que conformam uma subjetividade, originada da consciência da solidão como força intrínseca da realidade e que, em seu caráter conflitivo, conduz a um movimento para dentro de si, introduzindo suas demandas no âmago de cada indivíduo.

Ao falar desta produção exponho, ainda, as conexões conceituais entre a poética que a orienta e as indagações de autores dos campos da filosofia e da literatura, que são visibilizadas e estruturadas em uma retórica visual que se constrói por meio de elementos simbólicos e afetivos que instigam ao enigma e à complexidade inerentes à relação com o mundo induzida pela solidão, tomando os aspectos ambíguos que comporta a profundidade de sua natureza, atravessada pelas vivências e pelos fenômenos.

Tal empreendimento representa um ponto recente de minha trajetória artística, em que tenho buscado formas de problematizar a solidão com gestos de apropriação visando objetos portadores de sentidos privados, capazes de suprimir a obscuridade e a incompletude que o sentimento advindo da solidão incita.

A fim de conduzir a compreensão das nuances presentes nas produções e levantar pontos relevantes na leitura das obras, recorro à reflexão de Comte-Sponville (2016), que aponta em sua discussão a diferença entre solidão e isolamento. Enquanto no isolamento está implicada a privação incidental do outro, a amplitude da experiência da solidão assinala uma realidade inescapável, porquanto "o isolamento, numa vida humana, é a exceção. A solidão é a regra." (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 30).

A solidão, afirma o filósofo, caracteriza uma relação lúcida consigo mesmo, fundamentada no saber viver consigo. Pensada em seu aspecto ontológico, se institui, nesse sentido, como "o esforço de existir" (COMTE-SPONVILLE, 2016, p. 30), testificando que a verdade da existência humana reside em ser só.

Uma vez que, no contexto existencial, como analisa Comte-Sponville (2016), nada existe em um estado natural, pois tudo apresenta um estatuto social e também político, podemos depreender que no caráter intransferível da experiência subjetiva residem aspectos da existência individual que, apesar de heterogêneos, não podem ser desvinculados. Sob esta perspectiva, Comte-Sponville (2016, p. 35) declara ainda que:

A solidão e a socialidade não são dois mundos diferentes, mas duas relações diferentes com o mundo, ambas necessárias, aliás, e constituindo juntas esses sujeitos que somos, ou que acreditamos ser. A solidão, mais uma vez, não está à margem da sociedade mas nela. (COMTE-SPONVILLE, 2016. p. 35).

A natureza ambígua da solidão, cujos aspectos distintos despertam sentimentos que impulsionam e turvam a atuação individual no curso da existência, encontra-se dissertada por Clarice Lispector em algumas de suas obras, compreendida como uma necessidade particular que se contrapõe à da sociedade.

No livro de crônicas *A descoberta do mundo*, Lispector (1999) reflete sobre o caráter legítimo da solidão, enaltecendo-a como o solo dos pensamentos que potencializam o amadurecimento das subjetividades, pois sua fecundidade se confirma quando confrontada pelo indivíduo, e tomada como apanágio inalienável de cada um.

Em minha empresa poética despontam principalmente as tensões pertinentes ao difícil reconhecimento de uma alteridade provocado pelas experiências da solidão, quando essa decorre da imposição das vicissitudes que inibem os vínculos socioafetivos. Refletindo essas questões, Lispector (1999) destaca as duas formas de se relacionar com a solidão que caracterizam a vivência e os eventos da vida, quais sejam, a verdadeira solidão e a falsa solidão.

Inspirada em Thomas Merton, Lispector (1999) ressalta que, enquanto a verdadeira solidão se apresenta como necessidade vital na existência, oferecendo ao indivíduo o conhecimento salutar de si e os meios para desvendar seus arcanos, quando coibida no âmbito social, conduz à falsa solidão, que é alienante, nociva, perniciosa para o indivíduo e para a sociedade de que faz parte, pois ele se consome e se fecha em si mesmo.

Observamos ainda, no exame da natureza da solidão, confluências no pensamento de Bachelard (1994), para quem a solidão porta “o pensamento solitário, um pensamento sem digressão, um pensamento que se eleva, que se apazigua se exaltando.” (BACHELARD, 1994, p. 186). Tal assertiva exemplifica o enfoque dado por ele à solidão com relação ao seu papel na criação e na produção de subjetividades, em um estatuto poético, reiterando que:

Ao nos colocar diante de nós mesmos, a solidão nos leva a falar conosco, a viver assim uma meditação ondulante que repercute por toda parte suas próprias condições e que procura incessantemente uma síntese dialética íntima. (BACHELARD, 1994, p. 199).

Percebemos então, conforme Bachelard (1994), o papel fundamental da solidão no campo das potências imaginativas, uma vez que por meio desta temos acesso ao estado primordial do mundo.

Nesse contexto de analítica existencial, a imagem recorrente do fone de ouvido ilustra, nas produções, a melancolia marcante da existência. É o apêndice que irriga os jardins suspensos das angústias pessoais e espalha a fragrância do sentir. O canal que abre no íntimo os caminhos da poética. A via eletiva de ligação com o que é expresso por outrem, também criador, de forma que possa tomar para si o que desfruto dessa expressão do Outro – pela fruição musical –, e me amparar a fim de encarnar

e dar corpo às angústias do solitário, ao explorar sentidos outros, insuspeitados, em minha existência.

Concatenando as ideias expostas nas incursões literárias e filosóficas apresentadas, possibilita-se a visualização das potencialidades ontológicas presentes nas experiências provocadas pela solidão. O uso de elementos poéticos nos desenhos se torna representativo das investigações a partir de uma visão acuradamente voltada para o interior e ampliada, aproximando a solidão e o devaneio. Conforme Bachelard (2008), o devaneio é acessado ao se distanciar do objeto próximo, pois está além, e manifesta-se como *contemplação primordial* (BACHELARD, 2008, p. 190, grifo do autor).

Esse distanciamento dá visibilidade à imensidão e à vastidão do devaneio. O filósofo diz, assim, que “A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão. [...] A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo.” (BACHELARD, 2008, p. 190).

Em *A poética do devaneio*, Bachelard (1988) exalta o devaneio cósmico como fenômeno da solidão, que prescinde de componente extrínseco para que suas potências sejam despertas, enfatizando que:

Basta um pretexto — e não uma causa — para que nos ponhamos em “situação de solidão”, em situação de solidão sonhadora. Nessa solidão, as próprias recordações se estabelecem como quadros. Os cenários dominam o drama. [...] A solidão, no sonho noturno, tem sempre uma hostilidade. É estranha. Não é verdadeiramente a nossa solidão. (BACHELARD, 1988, p. 14, grifo do autor).

As produções surgem em conformidade com sentimentos suscitados na vivência diária e incorporados ao processo de criação, formando fusões oníricas que exploram em cada imagem o lírico e o trágico, dando contornos a uma experiência subjetiva, misteriosa e irrequieta. Bachelard (2002) remete aos sentimentos que a solidão imprime no indivíduo, deflagrando imagens que evocam horizontes inexplorados, lembrando-nos que:

[...] quando tudo muda também segundo o humor do céu e a cor dos devaneios, cada impressão de solidão de um grande solitário deve achar sua imagem. [...] Um homem solitário, na glória de ser só, acredita às vezes poder dizer o que é a solidão. Mas a cada um cabe uma solidão. E o sonhador de solidão não pode nos dar mais que algumas poucas páginas deste álbum de claro-escuro das solidões. (BACHELARD, 2002, p. 56).

O caráter biográfico desta produção enuncia de forma categórica e aberta o confronto com os limites do eu e do outro. A incursão por este território incerto e movediço, que provoca íntima e profundamente o indivíduo, preocupa-se em como o artista pode, ao pensar e construir a sua poética, conceber ou revelar as nuances subjetivas da solidão.

As motivações que levam o criador a vivenciar a solidão são, em essência, inexprimíveis, a despeito de sua relevância pessoal no percurso de cada indivíduo. Os conflitos surgem do empenho em expressar algo que não pode, por natureza, ser transmitido a outrem, movido por uma necessidade íntima, e ao mesmo tempo im-

possível, de tornar inteiramente evidente. Pois a solidão apresenta nuances diversas, em razão de seu caráter subjetivo.

A experiência particular e intransferível da solidão impele a prática do desenho à criação de espaços de imersão subjetiva. Esta pesquisa plástica envolve, logo, a articulação de elementos na evidência de uma dialética entre o intransferível e o partilhável, o visível e o invisível da solidão enquanto condição que potencialmente implica em alimentar ideias, e portadora de valor instrumental no exame profundo de si.



Fig. 1 - *Sem título*. Série Re[D]issonâncias. Desenho. 25x25cm, 2015. Acervo do artista.



Fig. 2 - *Sem título*. Série Re[D]issonâncias. Desenho. 25x25cm, 2015. Acervo do artista.



Fig. 3 - *Sem título*. Série Re[Dij]ssonâncias. Desenho. 25x25cm, 2015. Acervo do artista.



Fig. 4 - *Sem título*. Série Re[Dij]ssonâncias. Desenho. 25x25cm, 2017. Acervo do artista.



Fig. 5 - *Sem título*. Série Re[Dij]ssonâncias. Desenho. 25x25cm, 2018. Acervo do artista.



Fig. 6 - *Sem título*. Série Re[Dij]ssonâncias. Desenho. 25x25cm, 2018. Acervo do artista.



Fig. 7 - *Sem título*. Série Re[D]issonâncias. Desenho. 25x25cm, 2019. Acervo do artista.



Fig. 8 - *Sem título*. Série Re[D]issonâncias. Desenho. 25x25cm, 2019. Acervo do artista.

Referências

BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. 2. ed. Tradução Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 112p.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 2. ed. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. 4. ed. Tradução José Américo Motta Pessanha et al. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1994. 240p.

COMTE-SPONVILLE, André. **O amor a solidão**. Tradução Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Submetido em: 10/11/2019

Aceito em: 20/11/2020